

Professor propõe uso de novos currículos

“Os nossos médicos são tão bons quanto eles podem ser neste País”, afirma o presidente da Área Médica da Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (Capes), Osvaldo Ramos, professor de Clínica Médica há mais de 20 anos. A rede pública, da qual é defensor, argumenta, “não pode ter o comportamento da rede privada, que pode selecionar o doente”.

Apressa-se, contudo, em ser “o primeiro a reconhecer que o médico deficientemente formado distribui ignorância à custa de vidas humanas”. Ramos está convencido de que o currículo das escolas médicas “em boa parte é o responsável pela situação” do setor de saúde. Com a experiência de ex-integrante da Comissão de Ensino Médico do Ministério

da Educação, o professor argumenta que pouco adianta mudar currículos “se o professor é ruim e as condições da escola não permitem um mínimo de ensino adequado”.

As grandes escolas, a seu ver, podem formar bons médicos gerais, que, no entanto, se tornam especialistas. As escolas inadequadas, enquanto isso, têm imensa dificuldade para formar médicos gerais, embora, com alguma “sorte e investimento”, consigam formar especialistas. São os médicos das escolas deficientes, contudo, que na maioria exercem a Medicina geral. Trata-se, segundo Ramos, de uma inversão que uma reforma curricular deveria levar em consideração. Com um agravante “perigosos”, a seu ver: “Não há médico desempregado — basta aceitar o baixo salário oferecido”.